a lógica do delírio

SONIA BORGES

I. a visada estruturalista

Não, isso não funciona, política, partido... é vampiragem. Saí da banda, criaram caso comigo, eles são vampiros. Consertei meu dente quebrado: não quero ser vampiro.

A POSIÇÃO ESTRUTURAL DO SUJEITO NA PSICOSE é a de ser o objeto do gozo do Outro, de um Outro absoluto e despótico. Lacan observa que, uma vez que há certo apelo ao Nome-do-Pai a que o sujeito não pode responder, o delírio recobre a relação ao Outro por uma "proliferação imaginária de modos de ser que são outras tantas relações ao outro"[1]. É sempre o outro quem tem a iniciativa, qualquer que seja a forma de delírio (perseguição, erotomania, ciúme). É o outro quem fez dele o centro de seu próprio universo (megalomania). No caso de Paulo, que atendo há três anos, é possível observar grande proliferação de "intuições delirantes", que se presentificam em alucinações auditivas e visuais, desenhos e poesias.

[1] Lacan. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1956/1966, p.289).

Conforme Maleval[2], da leitura de Lacan pode-se depreender que há uma "escalada" do sujeito psicótico na construção da "metáfora delirante", e que essa "escalada" obedece a uma lógica: "a paranóia é um ensaio de rigor". Com base no caso de Paulo, gostaria de discutir a existência de uma lógica em sua produção delirante. Uma lógica promovida pelo significante "vampiro", que emerge no jogo metaforonímico que se estabelece entre suas "intuições delirantes", mesmo que as consideremos tentativas malsucedidas de construção da "metáfora".

[2] Maleval. *Logique du délire* (2001).

O pensamento de Lacan expressa a "economia de idéias" prevalente em seu tempo, o ideal estruturalista. Reconhecer a estrutura, com seu estatuto de linguagem e tal como definida pelas posições relativas do Real, do Simbólico e do Imaginário, permitiu-lhe romper com a visão organicista e psicológica dos fatos psíquicos. Assim, em *O seminário – livro 3: As psicoses* e em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, abriu possibilidades para um estudo mais rigoroso do delírio, com o conceito de "foraclusão do Nome-do-Pai". E, mais tarde, com a noção de objeto *a*.

A psiquiatria clássica contribuiu muito para o estudo do delírio, com finas descrições fenomenológicas que incluem idéias importantes sobre seu processo evolutivo. Lacan reconhece esse esforço de sistematização, mas faz duras críticas aos fundamentos sobre os quais suas idéias foram construídas: a psicologia da consciência, sobre a qual se apóia o mito da realidade comum, que, por sua vez, leva à concepção de que o delírio é uma deformação dessa realidade, assim como de que sua evolução seria produto dos mecanismos da razão.

Como ocorre com outros objetos de conhecimento, o estudo rigoroso do delírio, tornado possível pela perspectiva estruturalista, requer que se tome distância dos fenômenos e de seu valor conteudístico. Lacan desenvolve suas idéias na via aberta por Freud, para quem o delírio mobiliza o aparelho significante para remediar uma falha simbólica inicial: "Nos delírios, a loucura é empregada como peça que se cola lá onde, inicialmente, há uma falha na relação do eu com o mundo exterior"[3]. Para Freud, o que se toma como produção mórbida, a formação do delírio, é na realidade uma tentativa de cura. Em outras palavras, diz que há uma lógica fantasmática original no princípio do desenvolvimento de cada delírio. Isso significa afirmar que o delírio tem um fim, o de renovar as relações do sujeito com a realidade.

[3] Freud. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924/1963, p.264).

Essa idéia de finalismo é reforçada por Lacan[4] com a noção de "metáfora delirante". É nesse sentido que Colette Soler fala em um "processo de significantização" que, por mais reduzido que seja, é a forma pelo qual o sujeito busca a elaboração e a fixação de uma forma de gozo aceitável para ele[5]. Vê-se que essas definições não visam ao conteúdo do delírio, mas às relações significantes estruturantes da posição do sujeito em relação ao gozo e ao Outro.

[4] Lacan. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (*op. cit.*).

[5] Cf. Maleval. *Logique du dèlirei* (*op. cit.*).

Esse "processo de significantização" diz respeito à construção da realidade que, conforme Freud, ocorre preliminarmente pela expulsão, pela perda necessária "dos objetos que outrora proporcionaram satisfação", para que o sujeito possa elaborar a prova de realidade. O objeto perdido, intuição retomada e desenvolvida por Lacan com a noção de objeto *a*, cava um lugar vazio no qual todo objeto precisa se inserir para figurar na realidade. Os objetos *a* só têm validade para o sujeito quando perdem toda substancialidade, por conterem em seu cerne o vazio que é a castração. Conforme Quinet, "é na medida em que contém um vazio que eles podem encarnar os restos que caem do corpo sob a forma de dejetos, pois o critério lacaniano para se falar de objeto *a* é que seja algo separável do

corpo"[6]. Em toda sintomatologia psicótica, a presentificação do objeto *a* se associa a propósitos delirantes impotentes para limitar a emergência de um gozo invasor pela dificuldade do sujeito de articulação de seu ser no campo da linguagem.

[6] Quinet. *Teoria clínica e psicose* (1997, p.64).

Lacan observa a importância de considerar o que Freud chamou de "refenda" de objeto, ou seja, a passagem do pênis-órgão ao falo, - φ, que significa a aceitação da falta no Outro, correlativa à promoção do sujeito do inconsciente. O falo, como significante do gozo, é o significante que faz barreira, no sentido de moderar o gozo. Na esteira de Lacan, é possível reconhecer o delírio como a construção imaginária de um modo de defesa, assim como o são o fetiche perverso, o pensamento obsessivo ou a conversão histérica.

Foi a partir de 1966, na *Apresentação da tradução francesa de "Memórias de um nevropata"*, que Lacan propôs uma aproximação do psicótico como "sujeito do gozo". Essa idéia é precisada em suas elaborações ulteriores quando diferencia duas formas de gozo: aquela que se caracteriza por escapar à função normatizante do significante fálico e a que é dita gozo do Outro[7]. Na psicose, livre das determinações fálicas, o objeto se põe a pulular. Ele invade a neo-realidade delirante. É característica da posição psicótica sentir-se atormentado pelo gozo sem lei nem enquadramento. Pela carência do falo simbólico, seu ser de gozo se revela como extrema angústia quando são rompidas as elaborações significantes que o dissimulam.

[7] *Ibid.*

Maleval, em sua leitura de Lacan, conclui pela possibilidade de discernimento de quatro momentos na evolução do trabalho delirante. Nos dois finais, considerados como de "identificação do gozo no Outro" e "consentimento ao gozo do Outro", o psicótico se julga Deus, alguém famoso, tem uma alta missão a cumprir. O Outro já não o persegue, confia nele. Um remanejamento do imaginário ocorre, servindo de suporte para suas representações, inclusive de si mesmo, de forma que não se tem mais um sentimento tão forte de desestabilização. Assim como a função do Édipo é transformar o gozo não qualificado em gozo sexual, a "metáfora delirante" é a forma psicótica de barrar o gozo, ou seja, de circunscrevê-lo, localizando-o no campo do Outro. Antes da constituição da *metáfora*, o psicótico se sente vitimizado por esse Outro gozador. Quando esta se constitui, ele tem sua parte nesse gozo, já que o Outro lhe dá uma missão.

Antes dessas fases finais, em que alguns têm certo apaziguamento, pode-se falar de outros dois momentos. De um primeiro, de "deslocalização do gozo" e "perplexidade angustian-

te". Incubação do mal estar, inquietude, perturbações hipocondríacas, sinais de uma carência paterna fundamental. Nesse nível de angústia, o sujeito se depara com um Outro que não é castrado, não é portanto incompleto, mas recepta o objeto *a*. Daí o Outro apresentar-se como Outro que tudo vê e fala, recrimina, insulta. Freud fala de uma ruptura entre o eu do sujeito e a realidade. Pode-se falar em um furo no real que é correlativo do desalojamento do gozo: "A conturbação na ordem do mundo tem raízes em um transbordamento do gozo que resulta na efração dos limites deste. O surgimento de várias manifestações ocorre, entre as quais alucinações verbais, perturbações hipocondríacas, fenômenos intuitivos e interpretativos, postulados passionais, etc."[8].

[8] Maleval. *Logique du dèlire* (*op. cit.*, p.98).

Um segundo momento é caracterizado principalmente pela tentativa de "significantização do gozo", a fim de tornar suportável essa situação. Um enorme trabalho de mobilização do significante se desenvolve como esforço delirante de construção de uma explicação que justifique o que acontece. Em alguns momentos, elabora-se um compromisso razoável como tentativa de significantização do gozo. Entretanto a perplexidade do sujeito permanece, o delírio não chega a se suturar como "metáfora", de forma que se apresenta sob forma paranóide.

Penso que o trabalho delirante de Paulo se configura como esforço de significantização na busca de um apaziguamento que, no entanto, vem fracassando. Como disse inicialmente, meu propósito neste trabalho é evidenciar uma lógica nesse esforço de significantização de gozo.

II. a ordem sob a desordem

No começo do século XIX, nos países do norte da Europa, o vampiro figurava no imaginário social não como fantasma ou demônio, mas como aquele que retornaria e, "de corpo presente", sugaria o sangue ou arrancaria a "libra de carne" do corpo das vítimas. Com isso, prolongaria sua vida póstuma e daqueles que, por sua vez, se tornariam também vampiros. Isso significava sua presença constante nos sonhos e delírios dos indivíduos. No que se refere aos delírios, pode-se dizer que ao vampiro, ou seja, ao perseguidor, cabia arrancar o objeto *a* sobre o corpo do sujeito, de forma a proceder à sua castração.

Quando não ocorre a inscrição do Nome-do-Pai no Outro, figuras profundamente angustiantes se impõem ao sujeito como termos de seus delírios: morcegos, fantasmas, diabos, homens-lobos, monstros e, mais recentemente, robôs e extraterrestres. Por trás dessa diversidade sintomatológica, pode-se

inferir um fato de estrutura: é sempre uma figura sem falta que se apresenta. Isso testemunha seu estatuto de objeto *a* e indica a função do delírio na psicose.

Vampiro é o significante em que se encarnam os sentidos que Paulo vem tecendo para dar conta da angústia e da perplexidade, advindas de sua posição de objeto de gozo do Outro, que é a posição estrutural do psicótico, conforme as três formas de paranóia propostas por Freud: a) delírio de ciúmes: "Ela me sacaneia"; b) erotomania: "Ela me ama"; e c) delírio de perseguição: "Ela me odeia"[9].

[9] Quinet. *Teoria clínica e psicose* (*op. cit.*).

Como é próprio do significante, *vampiro*, pela via dos mecanismos metafóricos e metonímicos, muda de forma em suas produções, e não tem, portanto, nem representação nem conteúdo fixos, sendo atualizado conforme a posição que ocupa em relação a outros significantes. Assim, presentifica-se em sua fala, nas poesias e alucinações e nos desenhos, em que figuram formas sempre aladas e/ou dentadas. Suas produções, sempre visando a limitar o gozo invasivo, têm seu propósito dificultado pela carência da função copulatória do falo simbólico que só advém pela instauração do Nome-do-Pai.

Essa proliferação delirante é um efeito próprio ao imaginário, que tentaria agrupar no termo *vampiro* todo o campo delirante. Não se trata, portanto, da "metáfora delirante", significante que, tal como o Nome-do-Pai, tem função de "ponto de basta". Mas considerá-lo nas diversas relações que estabelece com outros significantes, ou seja, seu comparecimento nas diversas construções delirantes, evidencia uma lógica que as ligaria entre si.

Na vertente do significante, conforme Quinet, pode-se pensar em dois tipos de alucinações: as que vêm designar o sujeito, inscrevendo-o na cadeia significante de seu delírio, e aquelas em que se contata uma proliferação de S_1, de modo que nenhum significante ocupa a função de nomeação do sujeito. No nível simbólico, que corresponde à foraclusão do Nome-do-Pai, essa proliferação se relaciona ao fato de que o eu do sujeito da enunciação, que designa o sujeito como tal, permanece oscilante, pois não tem um assentamento no simbólico. Pode-se ver, diz Quinet "duas vertentes dessa dispersão: a vertente significante e a vertente de objeto. Por um lado, os elementos do ser se apresentam em uma seqüência metonímica de S_1, onde não há nenhum significante que represente propriamente o sujeito [...]. Já na vertente do real do objeto o ser do sujeito se encontra disperso no despedaçamento do gozo que faz retorno ao corpo"[10].

[10] *Ibid.*, p.71.

Nesse sentido, as presentificações de *vampiro*, sob todas as formas, podem ser vistas como tentativas de extrair de seu corpo outrificado o objeto que venha a representar seu ser. Mas esse seu esforço não se sustenta, daí a multiplicação ou o descarrilamento desse significante.

Para decifrar a função desse significante no conjunto dos dados que venho observando nas sessões, vou considerá-lo um significante *coringa* ou uma *casa vazia*, tendo em vista evidenciar as relações lógicas que, sob a dispersão, organizam seu trabalho delirante.

Série 1. Delírios relativos a personagens com quem se identifica:

> Nem sei se devia contar, mas eu sou um duplo de James Dean. Sabe, naquela hora em que, no filme, ele cai no abismo, apareci no Brasil.
>
> Eu cheguei da Inglaterra, passei pelo túnel do tempo. Estava lá filmando. Um trabalho muito sério. A senhora acredita que sou o duplo de [...] (Nome de artista inglês famoso).
>
> Eu vi uma fênix na torre do Rio-Sul, agora sou do F.B.I. E te batizo, você também é.

Paulo tem um ideal que se mantém quer esteja delirante ou não: contribuir com a cultura. Astros do cinema e de grandes bandas internacionais de *rock* povoam as sessões Chama a atenção para o papel que aí exerce a pulsão escópica. O brilho dos astros – e os astros voam –, que o fascina, promovendo as identificações. Em *Formulações sobre a causalidade psíquica*, Lacan afirma que "a loucura é uma estase do ser numa identificação ideal"[11]. Isso significa, como afirma Soler, que "o significante ideal não supõe o Nome-do-Pai", de forma que na psicose encontramos, e me parece ser o caso de Paulo, "personagens da boa causa". Assim, essas identificações são, em geral, "enfatuadas"[12].

[11] Lacan. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946/1966, p.172).

[12] Soler. *A paranóia* (2001, p.3).

A fênix no Rio-Sul fala de um esforço de deslizamento de falo para pênis: na torre, uma f(p)ênix na torre, também uma identificação enfatuada.

Série 2. Delírios com dentes, pênis, pedras preciosas, metais preciosos, jóias:

> Minha doença aconteceu porque, no dia em que nasci, uma enfermeira chupou meu pênis.
>
> Já falei, não é, doutora, tenho um pênis muito bonito. Meu pai não suportou quando nasci,

então mandou operar meu pênis. É que eu nasci com o pênis com a ponta de coral.

Essa pedra não é cristal [mostrando um pequenino cristal], é topázio, é valiosíssimo.

Consertei o dente quebrado, pra não ser vampiro.

Paulo sempre traz "na bolsa" uma pedra, um anel, uma corrente, bijuterias estragadas e sem valor que acha pelas ruas ou lhe dão, considerando-as preciosidades e ressaltando seu brilho e sua beleza. Esconde-as muito bem porque receia ser roubado. Como diz Lacan, "o louco é um homem livre por excelência, porque ele não precisa do Outro para causar seu desejo, já que ele leva o objeto no bolso"[13]. Em seu esforço de passagem de pênis a falo, isto é, de extração do objeto *a*, Paulo inclui em seu delírio um "pênis-jóia", com cabeça de coral. O pênis não simbolizado é votado à queda e à mutilação, o que significa que, longe de ser um significante da falta, o - φ é um órgão que toma o lugar de *a*, não para ele, mas para o Outro na estrutura, na origem do gozo desse Outro. Uma das funções do Nome-do-Pai é tornar possível ao sujeito ter um corpo, e ter um corpo é tê-lo no significante. Paulo não suporta os dentes quebrados, confundindo o real imediato com o furo, e, para não descompletar o Outro, os conserta imediatamente.

[13] Lacan. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (*op. cit.*, p.211).

Série 3. Delírios que dizem respeito ao romance familiar:

Meu pai não fez nada quando a enfermeira chupou meu pênis.

Meu pai atrapalha a vida de todo mundo, e não deixa minha mãe se separar dele.

Minha mãe não é a Marina, ela é uma impostora, minha mãe é essa que veio da Grécia [mostra alguém no hospital].

Minha mãe tem complexo de Cinderela, ela é louca e não quer se submeter a tratamento.

O pai sempre aparece como perseguidor ou zerificado. A insistência da figura parental na trama do delírio deve ser apreendida como apelo à limitação do gozo do Outro, pelo qual o psicótico se sente invadido. Para barrá-lo, o sujeito percebe claramente que tem necessidade de se confrontar com alguma regra que faça constrição.

A mãe, após sua saída de casa para morar com uma filha, deixando Paulo com o pai, entra também nessa série. Em seus *desenhos*, um só tema se repete há cerca de um ano e meio, "naves-mãe", sempre aladas, que se parecem com pássaros, morcegos, vaginas dentadas, ou seja, são figurações de vampiro: talvez representem um esforço de rompimento da relação dual com a mãe.

Paulo também tem alucinações visuais, que apresentam características semelhantes às de seus delírios. Em várias ocasiões, levantou a camisa para que eu visse, em seu peito, o desenho com forma de pássaro que seria a marca de certa predestinação. E vê raios em minha testa que confirmaram que "sou do bem."

Escrever *poesias*, na maioria das vezes letras de canções, é coisa de seu dia-a-dia. Diz que o ajuda: "A poesia é um portal". Na psicose, a dimensão do desejo não estaria completamente ausente, simplesmente não deslizaria pelo fato de o imaginário amarrar tudo para obturar a foraclusão e a falta do significante fálico. Em sua poesia, Paulo mostra que "sabe" disso:

Calma Mar de Copérnico

Eu não necessito
Eu não preciso
Eu não me arrisco
Eu não preciso
Não estou congelado
Eu estou parado
Num dia de feriado
Sem ser quinta nem sábado.

Os fenômenos de sentido são suportados pela função simbólica, cuja repartição entre significante e significado é evidenciada na psicose, em que o inconsciente se manifesta a céu aberto, indicando a prevalência do significante. O significante *vampiro*, como coringa ou "casa vazia", deixa-se preencher, permitindo o jogo de significantes pelo qual Paulo procura localizar o gozo em um objeto que possa representá-lo. Na fala, nos delírios, nas alucinações, no desenho e na poesia estão suas identificações, que ora são figurações do "bem", são fênix, arte, relativas aos seus ideais, ora representam os que o "sacaneiam", como seu pai que lhe cortou o pênis, a enfermeira que o chupou quando nasceu, a mãe impostora, amigos que fazem vampiragens, policiais que se vestem de enfermeiros para vigiá-lo, motoristas de ônibus que o perseguem por causa da carteira de passe livre e outros. Toda uma sorte de fenômenos de "interpretação delirante", ou de "auto-referência mórbida", estão presentes. Perante essa enorme mobilidade do significante, Paulo experimenta um sentimento de instabilidade e incerteza que o impulsiona a encontrar um ponto fixo a que possa se apegar.

No entanto o despedaçamento do plano imaginário, as identificações em jogo evidenciam o eu cindido. Disso decorrem os fenômenos de transitivismo, projeção, rivalidade, em que identificação e erotização se confundem. Como diz Colette Soler, "o par típico constituído pelo paranóico é sempre este: ele, o sujeito da boa causa, e um outro gozador de que é a vítima"[14]. Vejamos ainda sua poesia, em que emerge a possibilidade de identificação a esse significante:

[14] Soler. *A paranóia* (*op. cit.*, p.4).

Nos vales do mundo

Eu já estive em muitos lugares da terra
Já fui um pássaro
Já voei alto
Já comi carne crua

Já transpassei um corpo numa marrada
Já devorei um antílope vivo
Já mergulhei nas profundezas abissais
Já aterrorizei os mares como tubarão

Já desci da vertigem das alturas
Até atingir no impacto um pássaro
Quando eu era um falcão
Dominando os ares

Paulo traz sempre "na bolsa" os objetos de seu delírio. É verdade que não ouve vozes. Suas descrições fazem pensar em "imposição de pensamentos", mas, conforme Soler, "o gesto, tanto escrito quanto escutado, pode ser uma voz [...] voz presa na armadilha daquilo que sustenta a imagem narcísica"[15].

[15] *Ibid.*

Vampiro não tem o estatuto de "metáfora delirante" ou de nome para Paulo. Não vem nomear seu ser de gozo, trazendo-lhe apaziguamento. Esse significante, como em um jogo de espelhos, toma formas variadas, em um movimento metonímico sem "ponto de basta". Tal como para as pessoas do século XIX, Paulo teme perder seu "naco de carne": "Consertei meu dente quebrado: não quero ser vampiro". Em sua poesia, no entanto, comparece a aceitação da identificação: "Já voei alto, já comi carne crua, já mergulhei nas profundezas abissais". Talvez esteja na mordida desse significante sua possibilidade de estabilização.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1963. Vol. XVII.

LACAN, Jacques. (1946) Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 3: As psicoses (1955-1956).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, Jacques. (1956) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1966.

LACAN, Jacques. (1966) Apresentação da tradução francesa das *Memórias* do Presidente Schreber. *Falo.* Salvador, n.1, p.21-23, 1987.

MALEVAL , Jean-Claude. *Logique du dèlire.* Paris: Masson, 2001.

QUINET, Antonio. *Teoria clínica e psicose.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SOLER, Colette. Autismo e paranóia. In: ALBERTI, S (org.). *Autismo e paranóia na clínica da esquize.* Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

SOLER, Colette. *A paranóia.* Transcrição da conferência pronunciada em Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Rio de Janeiro, dezembro de 2001.

resumo

A tese freudiana segundo a qual o delírio é uma tentativa de cura é bem conhecida. Este artigo visa a discutir, tomando como referência um caso clínico, a lógica que preside a construção do delírio. Nossa hipótese é a de que essa lógica pode ser aprendida a cada momento de sua constituição, ainda que não esteja constituída a "metáfora delirante".

abstract

Freud's propositon that delirium is a form of cure is well known. This paper intends to discuss the logic of delirium building. We start from the hypothesis that this logic can be grasped at each moment of its unfolding.

palavras-chave

delírio, lógica, paranóia

keywords

delirium, logic, paranoia